LYCIA BARROS

AUTORA BRASILEIRA
PREMIADA
COM MAIS DE
200.000
CÓPIAS VENDIDAS!

INTEIROS

O amor deles nasceu na infância,
mas enfrentou desafios ao longo do tempo.



ASES DA LITERATURA

Inteiros

Lycia Barros

Sempre pensei em como iríamos nos separar, mas não estava preparado para que fosse daquela forma. Mesmo assim, nunca me arrependi. Afinal, eu conhecia Aliena desde os sete anos. Passamos a

infância e a adolescência compartilhando todo nosso tempo juntos. E foi nessas lindas lembranças em que eu me agarrei ao longo dos anos.

BIOGRAFIA DA AUTORA



Nascida em 8 de junho de 1976, Lycia Barros se afirma como uma das grandes autoras da literatura contemporânea. Atualmente, a autora mora com o marido e os filhos em Braga, Portugal. Lycia cursou Letras e levou o amor aos livros para sua profissão. Seu primeiro romance foi o livro “A Bandeja, qual pecado te seduz?”, Ed. Arqueiro, que em 2013 ganhou o prêmio de melhor romance do ano no prêmio literário CODEX DE OURO, está sendo adaptado para o cinema. O livro também já foi lançado em Portugal e na África. Hoje, já com 14 livros publicados por grandes casas editoriais como Novo Século, Autêntica, Seleções e Arqueiro, além de atuar como escritora, Lycia Barros também dá palestras por todo Brasil e ministra cursos de escrita para novos autores do mundo todo.

Saiba mais em lyciabarros.com.br

Conheça os outros livros da autora

A bandeja – Ed. Arqueiro

O que eu quero pra mim – Ed. Arqueiro

Sem olhar para trás – Ed. Valentina

Trilogia Uma herança de amor – Ed. Novo Século

A garota do outro lado da rua – Ed. Novo Século

Tortura cor-de-rosa – Ed. Danprewan

Entre a mente e o coração – Ed. Ases da Literatura

Perdido Sem você – Ed. Ases da Literatura

Nem tão tarde assim – Ed. Ases da Literatura

Grandes histórias da Bíblia – Ed. Seleções

1976

Ainda me lembro daquela tarde chuvosa, quando corríamos pela rua estreita da viela em que morávamos. Aliena corria na minha frente, pois era bem mais alta do que eu, que só podia ver a sua maria-chiquinha loira voando para trás enquanto seus sapatos eram ensopados pelas poças de lama. Em nosso município — o local mais chuvoso do Brasil —, nossos pés estavam sempre naquele estado. Parecia que andávamos de botas.

Paramos a uns três metros da casa dela, ofegantes, a tempo de ver o pai de Aliena partir. Minha amiga simplesmente ficou ali, imóvel, observando, com as bochechas enrubescidas por conta da nossa corrida desenfreada. Em silêncio, fiquei mirando sua face. Sua pele era muito branca em torno dos olhos castanho-escuros, e os cabelos, claros como trigo. Os traços de seu rosto eram finos

e delicados. Isso sempre me intrigou. Eu me achava muito diferente de Aliena fisicamente, pois tenho lábios carnudos e a pele muito morena. Já ela — vim a saber mais tarde — tinha uma origem muito difente da minha. Era tataraneta de um imigrante que veio para o Brasil num momento em que uma colônia russa foi fixada em nossas terras. Tentaram nos dominar. Porém, logo nosso povoado foi retomado e incorporado novamente ao estado que, enfim, em 22 de dezembro de 1956, decretou a emancipação da Vila Calçoene.

Lágrimas de mágoa e tristeza teimavam em descer pelos olhos da minha amiga enquanto suas mãos estavam pousadas nos joelhos, para que recobrasse a respiração. Aliena não queria chorar, por isso as enxugou com o pulso direito. Observamos o pai dela se afastar em direção à estrada, carregando somente uma pequena mala de mão. Não houve despedidas. Espiei novamente o

rosto dela, sem que notasse. No fundo, nós dois já esperávamos por isso. As brigas entre ele e a mãe dela eram tão frequentes que eu ficava secretamente agradecido por nunca ter conhecido o meu pai. Os gritos estridentes da minha mãe com meus quatro irmãos mais velhos já eram mais do que suficientes para mim, que, por sorte, era o caçula em quem ela menos prestava atenção.

Eu não sabia o que fazer para confortar Aliena. Sendo assim, para desviar sua atenção, retirei um chocolate velho do bolso — que havia surrupiado do bar da esquina — e o ofereci a ela, que já havia se colocado ereta e encostada no muro descascado de um casebre ali perto de nós. Porém, Aliena simplesmente me encarou com raiva nos olhos e deu um tapa em minha mão, fazendo o doce cair na terra.

— Para de comer tanta besteira, Beto, você vai

acabar virando uma bola! Vamos apostar uma corrida.

E depois saiu correndo na minha frente.

1979

Assim se seguiram os anos seguintes, eu sempre correndo atrás dela. Aliena era muito agitada e não conseguia ficar parada por muito tempo. E tudo só piorou quando ela fez onze anos. Sem nenhum motivo aparente — pelo menos para a minha mentalidade juvenil —, minha amiga se tornou bipolar. Tinha dias em que me recebia com um pedaço de bolo na porta, em outros, tacava-me o chinelo e dizia para eu ir procurá-la na esquina. Às vezes, recebia-me no colégio com um sorriso e me dava um beijo no rosto, em outras, agredia-me com palavras, mas depois caía em prantos nos meus braços, arrependida. Dizia que não merecia a minha

amizade. Passei anos procurando outra mulher que tivesse dentro de si tamanha complexidade. Jamais encontrei. Mesmo assim, nenhuma de suas maluquices foi capaz de nos afastar. Com o passar dos anos, nossa ligação foi ficando cada vez mais forte, ao ponto de, mesmo à distância, sentirmos quando coisas ruins aconteciam um com o outro. Eu não compreendia a minha necessidade de estar perto de alguém como ela, tão volátil. Só sabia que ninguém me entendia melhor do que Aliena. E que não havia nada que ela me pedisse com jeitinho que eu não fizesse correndo.

Durante a noite, não era raro fugirmos de casa para ir olhar as estrelas no telhado de alguém, para divagar sobre a vida. Éramos muito maduros para a nossa idade, ambos vítimas de lares defeitos. A verdade é que nossos pedaços destroçados se encaixavam. Até que um dia, em uma de nossas visitas ao Parque Arqueológico do Solstício —

antigo observatório indígena —, aquilo que eu já sentia por ela conseguiu ficar incrivelmente mais forte.

Tínhamos ambos quatorze anos naquela época. Aliena já havia amadurecido fisicamente e havia vários meninos dando em cima dela na escola. Naquele dia, ela estava abraçada a uma árvore próxima, usando um vestido branco e olhando para o alto. Seus cabelos pesados estavam balançando com o vento, tocando o início de suas nádegas. De repente, se virou para mim e sorriu, docemente. Senti um aperto no peito tão forte ao ver aquela cena que, sei lá porque, senti vontade de chorar. Ela estava tão linda... Só lhe faltavam as asas para parecer uma fada. Tudo em que pensei foi em me levantar e caminhar até ela. Queria tocá-la, acariciar seu rosto... Mas não o fiz. Contentei-me em ficar admirando-a de longe. Minha amiga tornou a olhar para o alto e em seguida fechou os olhos, curtindo

seu momento silencioso. Nunca havia visto Aliena com tal mansidão de espírito. E até hoje fico me perguntando o que teria acontecido se eu tivesse me aproximado para lhe dar um beijo.

1980

Tudo mudou em 1980, no dia em que Aliena debutaria. Em vez de ganhar um baile — como as outras meninas da escola —, ficou órfã de mãe no dia em que completou quinze anos. Dona Nilda faleceu de repente, vítima de um Acidente Vascular Cerebral. Como seu pai já havia sumido havia tempos e nunca mais dera notícias, Aliena foi obrigada a ir morar com uma tia distante, irmã de sua mãe, que residia no Maranhão.

Lembro-me perfeitamente do terror que senti naquele fim de tarde. Estávamos parados de frente um para o outro, os olhos retendo as lágrimas,

enquanto sua tia — uma senhora magra e enrugada, que fedia a tabaco e Leite de Rosas — estava sentada no banco da frente de uma Brasília azul. Apressava a sobrinha rudemente, gritando para que a menina entrasse logo no carro. Para variar, estava chovendo e Aliena só carregava uma mochila velha no ombro. Meu coração batia ensurdecedoramente com a possibilidade de nunca mais vê-la. Mas, subitamente, Aliena encurtou o nosso sofrimento entrando no carro — sem ao menos me abraçar — e fechou a porta do carona.

— Vamos — disse para a tia. Depois, olhou brevemente para mim. — Eu escrevo pra você.

Aquilo foi tão doloroso quanto arrancar os dentes. Fiquei absolutamente arrasado. Um pedaço do meu mundo se partiu. Nunca mais me mudei esperando por aquela carta.

Só a recebi três anos depois.

Durante esse tempo, não houve um só dia em minha vida que eu não tivesse pensado nela. Lembrava-me de seu sorriso, do seu cheiro, do jeito determinado como corria... Claro que me envolvi com outras garotas durante a adolescência. Afinal, o trabalho no garimpo havia atribuído ao meu corpo jovem músculos bem desenvolvidos, o que as atraía. Porém, nenhuma delas se comparava à minha russinha.

Os anos se passaram e, mesmo em meio à minha decepção pela falta de comunicação, não consegui afastar da minha mente as lembranças daquele breve tempo em que vivi em sua presença. Era um martírio não saber o que se passava com Aliena. Queria saber se ela estava bem, se estava viva, se precisava de alguma coisa... Mas precisei esperar.

1983

Naquele dia, ainda era fim de madrugada quando ouvi alguém batendo na minha porta. Eu estava com dezoito anos. Irritado por estar em meu dia de folga, levantei para atender. Meus irmãos já não moravam mais conosco, portanto, só sobramos eu e minha mãe. A maioria deles havia ido buscar melhores condições de trabalho em São Paulo ou Rio de janeiro. Como minha mãe andava muito doente, não me atrevi a deixá-la só. Mas hoje, refletindo bem, acho que isso foi só uma desculpa que arranjei para ficar ali, esperando o contato de Aliena.

Ao abrir a porta e encarar o funcionário dos Correios, meu coração disparou. Ele nunca parava na nossa casa, somente no início do mês, quando meu irmão mais velho nos mandava algum cheque. E quando o carteiro estendeu a mão para mim com aquele envelope branco, reconheci a letra na hora.

Era dela.

Aliena finalmente havia me escrito.

Destrambelhado, saltei porta afora e praticamente arranquei o envelope de suas mãos. Depois, fiquei olhando para ele, maravilhado, como se quisesse de alguma forma agradecer por ele ser o portador de tamanho milagre. Porém, logo assaltou-me o medo de receber más notícias após tanto tempo sem contato de Aliena. Por que só havia me escrito agora? Será que estava doente ou coisa parecida?

A chuva caía sobre nós, encharcando meu cabelo e meu peito desnudo. Com medo de danificar o interior da carta, resmunguei um “muito obrigado” e voltei para dentro, batendo a porta na cara dele. Em seguida, acendi a parca luz da cozinha para ler. Meu coração quase pulou para fora quando rasguei o envelope e vi uma foto atual de Aliena, com os

cabelos na altura dos ombros. Definitivamente, tornara-se uma linda mulher. Abria um sorriso derretido para mim, que me fez sentir como se um líquido quente estivesse sendo derramado em meu peito. Se havia alguma dúvida em meu coração a respeito dos meus sentimentos por ela, dissipou-se naquele dia: eu a amava. Mais que tudo no mundo.

Rindo feito um bobo, comecei a ler o conteúdo da carta. A tia de Aliena havia morrido e ela finalmente queria me ver. Apertei os lábios, emocionado. Eu só podia crer que ela também havia pensado em mim durante todo aquele tempo e havia sido impedida pela tia megera de se comunicar antes. Mas agora Aliena estava livre.

Bom, eu também estava.

Debaixo de chuva, peguei algo para anotar o endereço dela e saí correndo para o orelhão mais próximo, uma vez que sairia uma fortuna se eu

fizesse um interurbano do telefone de casa, e quem pagava a conta era meu irmão. Minha mãe só o usava uma vez por mês, para ligar para ele. Disquei para o número que Aliena havia me passado na carta. Eram sete horas da manhã.

— Alô?! — uma voz sonolenta me atendeu.

Era ela... meu coração acelerou absurdamente.

— Oi.

— Quem está falando?

Eu ri.

— Roberto. Recebi sua carta.

— Beto! — a voz dela se elevou em excitação. Pude imaginá-la se sentando na cama. — Como você está? Meu Deus, já se passou tanto tempo... Tive medo que tivesse se mudado.

— Não mudei. Mas meus irmãos se mudaram.

— Como está a sua mãe?

— Está bem.

— Quero de ver. Preciso te ver. Temos tanto o que conversar...

Fechei os ollhos ao ouvir aquilo, desfrutando do momento. Eu sabia que esse dia iria chegar.

— Beto?

— Oi?

— Você vem? — aquela vozinha melosa de novo, parecendo implorar.

— Claro. Estarei aí no proximo final de semana.

Anotei o endereço dela no verso da carta com um toco de lápis e não pensei duas vezes antes de faltar ao trabalho. Sabia que perderia pontos na cooperativa por conta disso, mas não queria saber. Precisava ver Aliena. Abraçá-la, beijá-la, declarar meu amor... Havia esperado a vida inteira para isso.

Com as minhas economias, comprei uma roupa nova — bem, não tão nova, pois a comprei no único brechó da minha cidade — e minha passagem de ônibus para o Maranhão, dali a dois dias. Fiz a barba, cortei o cabelo e me encharquei com a minha melhor colônia quando, enfim, chegou a data da viagem.

Durante o trajejo, não consegui pregar os olhos. Fiquei mirando a foto de Aliena e imaginando tudo que lhe diria quando a reencontrasse. Ela precisava saber que nunca fora esquecida. Só a consciência de que iria estar perto dela de novo já fazia meu coração retumbar mais rápido. Porém, assim que cheguei à rodoviária, desci do ônibus e a avistei, todas as esperanças que haviam pavimentado meu caminho até ali me abandonaram imediatamente.

Aliena estava de mãos dadas com um rapaz, que aparentava ser um pouco mais velho que eu e que estava vestido de farda. Ao que parecia, ele era da Marinha. Muito alto e magro, se quer saber a minha opinião. Meu estômago revirou, de tristeza e nervoso. Quem seria ele? E por que segurava a mão dela? Entretanto, ao me reconhecer, Aliena o abandonou na mesma hora e veio correndo na minha direção. Eu ainda pendurava minha mochila no ombro esquerdo, abalado, quando ela se lançou sobre mim, abraçando-me o pescoço. Seu cheiro familiar invadiu as minhas narinas com o efeito de um soco.

Era ela, a minha Aliena.

Não resisti. Fechei os olhos e a abracei, ignorando todos à nossa volta. Deixei aquela sensação de paz e satisfação me varrer. Havia

esperado muito tempo para tê-la comigo de novo. Quando ela se afastou para me encarar, nossos olhos se engataram. Reparei que os dela estavam marejados e um lindo sorriso ornava sua face. Hoje, olhando em retrospectiva, gostaria de ter uma foto nossa daquele momento.

Infelizmente, logo Aliena se afastou e me apresentou ao rapaz. E, então, soltou a notícia bombástica:

— Beto, esse é meu noivo, Eduardo. Pedi que você viesse para ser nosso padrinho de casamento.

Nem um cílio se moveu em meu rosto. Foi como se meu coração tivesse sido amputado. Fiquei mudo. Sem reação diante daquela notícia cruel.

— Você é o mais próximo que eu tenho de um irmão. — A voz dela estava vibrante. — Quero muito que esteja presente no dia.

— Quando vai se casar? — minha pergunta

saiu meio estridente.

— No próximo final de semana.

Fiquei mirando o rosto de Aliena, sem expressão, depois olhei para o lado, querendo morrer. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Depois de todo aquele tempo, essa era a minha recompensa por tê-la esperado tanto? Mas, eu não queria demonstrar minhas emoções. Não ali, em público.

— Eu não tenho roupas para casamento — foi o que consegui dizer, engolfando a raiva.

— Não se preocupe com isso. — Ela tentou me animar. — Já cuidamos de tudo. O pai de Eduardo é alfaiate e tem muitos ternos. Com certeza, poderá lhe emprestar algum.

Nos minutos seguintes, Aliena nos pegou — um em cada braço, veja você —, e começou a tagarelar sobre a cerimônia, enquanto nos arrastava

para fora da rodoviária. Deixei-me ser levado por ela, imerso num transe esquisito, tipo quando alguém toma uma pancada tão forte que mal consegue se mover ou falar. Como sempre, perto dela, eu não sabia o que fazer. Tudo o que queria era dar meia-volta e comprar uma passagem para casa. Porém, outra parte de mim — uma mais traiçoeira —, ainda queria ficar com Aliena por mais alguns momentos. Eu não sabia que podia ser tão masoquista.

Depois de Aliena me dar várias orientações sobre o que deveria fazer até a data do casamento, nos despedimos numa lanchonete no centro da cidade. Ergui a mochila no ombro, entorpecido, e

comecei a caminhar pela rua. Eu nunca havia saído de Vila Calçoene; portanto, estava meio perdido. Mas aquilo foi bom, pois a necessidade de procurar um lugar para ficar por conta da chuva mantiveram meus demônios sob controle, mas somente até eu me instalar em uma pequena pousada, que avistei a uma quadra dali. Era suja, barulhenta e o quarto era tão pequeno que parecia uma cela para dois prisioneiros. A parede era de chapisco amarelo-claro, tinha uma cama, um abajur em uma mesinha de cabeceira, ao lado da porta de um pequeno banheiro. O cheiro de mofo era muito forte, mas eu não me importei. Assim que tranquei a porta do quarto, meu dique emocional se rompeu. Taquei minha mochila na parede e comecei a chutá-la no chão, repetidamente. O ódio e a frustração se libertando de dentro de mim. Como Aliena podia ter feito aquilo comigo? Como podia ter me enchido de esperanças daquela maneira? Eu não podia acreditar

que passaria o resto da minha vida sem ela.

Quando minhas energias se esgotaram, parei de chutar a mochila e me sentei na cadeira velha de nogueira, que ficava perto da minúscula mesa. Coloquei os cotovelos nos joelhos e uni as mãos, como em uma prece, na frente da boca. Nesse momento, avistei um aparelho de telefone, o que me fez lembrar de minha mãe. Eu havia prometido que ligaria para ela assim que chegasse. E, realmente, me preocupava deixá-la sozinha por tanto tempo. Felizmente, uma de nossas vizinhas resolveu que dormiria lá em casa durante a minha ausência, e só por isso eu havia viajado tranquilo. Liguei para casa e minha mãe atendeu ao segundo toque.

— Alô?

— Beto?

— Sim, sou eu. Bença, mãe.

— Meu filho, Deus te abençoe. Como você

está?

Fiquei me perguntando se a pergunta foi instinto materno.

— Estou mal. Aliena vai se casar.

Minha mãe se calou. Ela sabia o que isso significava para mim.

— Talvez seja melhor desse jeito — ela disse, segundos depois. — Só assim você finalmente vai seguir com a sua vida. Deus sabe o que faz.

Eu não disse nada. Estava arrasado demais para contestar a existência divina.

— Mãe?

— O quê?

— Como conseguiu superar?

— Superar o quê?

— O abandono do meu pai?

Ela demorou uns dois segundos para me

responder.

— Eu tinha vocês.

Ponderei sobre aquela resposta.

— Pois é, já eu não tenho ninguém.

— Você tem a mim. — Ela não pareceu magoada. — Não faça nenhuma besteira, filho. A dor vai passar.

Desliguei o telefone, abaixei a cabeça na mesa e, enfim, deixei as lágrimas saírem. Foi um choro contido, sem barulho, porém dolorido. As paredes ali eram finas e eu não queria que ninguém me ouvisse chorando. Choveu durante toda aquela noite. Eu não conseguia dormir. Portanto, durante a madrugada, sequei os olhos e fiquei mirando a rua através da janela de vidro. Refleti sobre como eu havia me fechado para o mundo lá fora durante o tempo em que eu e Aliena estivemos separados. Na verdade, também quando estávamos juntos. Para

mim, bastava tê-la por perto. Nunca achei que precisaria de mais ninguém, mas agora, desejava ter um amigo com quem conversar, para quem ligar... alguém com quem desabafar meus sentimentos mais íntimos. Com o casamento de Aliena, eu não estava perdendo só o meu amor, estava perdendo a única amiga verdadeira que tive na vida. Comecei a meditar também que, talvez, tivesse sido realmente melhor a vida ter nos separado durante a adolescência. Afinal, eu não aguentaria ficar ouvindo Aliena falar sobre seus namorados.

Não comi nada naquela noite. Nem na manhã seguinte. Só a ideia de por algo na boca me embrulhava o estômago. Aliena havia me dito que Eduardo era primeiro-tenente e que era tão competente que em breve poderia ser nomeado capitão. Fiquei me perguntando se ele era digno daquela alegação. E daí me lembrei que ele era o homem que tivera a coragem de fazer o que eu

nunca fiz: conquistar Aliena.

Dois dias se passaram em que mal saí do quarto daquela pousada. Não que fosse confortável, eu é que não queria interagir com o mundo. O único momento em que saí foi para comprar um maço de cigarros e algumas coisas para comer. Eu nunca havia fumado, não sei por que fiz aquilo. Acho que, por uns momentos, eu queria ser alguém diferente. Pelo menos, distraí-me parcialmente durante algumas horas, rindo de mim mesmo enquanto aprendia como tragar. Foi o momento mais "produtivo" daquela tarde.

No dia do casamento, enquanto arrumava a minha gravata no espelho, eu disse a mim mesmo:

— Você é um covarde.

Era a única coisa que eu pensava sobre mim. Durante toda a minha vida, havia pensado milhões de vezes em me declarar para Aliena, mas como não

o fiz, ela agora seria de outro.

A depressão me envolvia como um nevoeiro quando me dirigi à capela do casamento, que era simples e estava ornada com algumas flores de plástico — que pareciam ter sido usadas inúmeras vezes. Os bancos de madeiras para os fiéis estavam desgastados e, do alto, entrava a luz através de vidraças coloridas. Atrás do púlpito, havia uma imensa cruz de madeira, e abaixo dela os dizeres:

E ele levou sobre si todas as nossas dores.

Uma súbita onda de raiva me fez ter vontade de quebrar aquela placa. Parecia que Deus havia levado as dores de todo mundo, menos a minha. Eu nunca havia sido muito fã de Deus, embora minha mãe fosse devota fervorosa da fé cristã. Sempre achei aquilo tudo uma baboseira. Mas agora parecia que Deus realmente existia, mas só para me fazer infeliz. Participar daquele evento era o meu castigo

por nunca ter acreditado nEle.

Pois muito bem, O odiei ainda mais.

Além do que, como se podia confiar num Deus que enviou o próprio filho para morrer por essa gente terrível, que são os humanos? Eu simplesmente não podia confiar em alguém assim.

Apesar de eu estar usando o terno que me fora enviado, meus cabelos estavam aloprados e minha barba por fazer. Eu parecia nintidamente o padrinho contrariado em uma produção indesejada. E assistir Aliena entrar na igreja foi o meu pior pesadelo. Prendi a respiração assim que ela chegou. Estava absolutamente linda, com um vestido branco sem alças e os cabelos presos no alto, deixando pequenos cachos dourados caindo sobre os ombros. Havia uma coroa dourada presa na parte da frente de sua cabeça. Quando ela olhou para Eduardo no altar e sorriu, foi como se o portão do inferno tivesse se

aberto para mim. Fiquei lívido, ouvindo a cerimônia e odiando cada minuto. Em certo momento, pensamentos desesperados começaram a sitiar a minha cabeça. Penso que devo ter ficado com um olhar travado, esperando que algum desastre acontecesse e impedisse aquele evento de ter um fim. Como um terremoto ou algo parecido. Ou, então, desejava que tudo fosse um sonho e que eu acordaria em minha casa, ainda esperando a carta de Aliena. Pelo menos, eu ainda teria esperança. Era melhor não saber sobre o casamento do que vivenciar tudo aquilo. Afinal, a esperança é a mola que move o homem.

De repente, não sei por que, lembrei-me de uma vez — cerca de um mês antes da mãe de Aliena falecer — em que estávamos deitados embaixo de uma árvore. Minha cabeça estava apoiada no tronco e a de Aliena pousada sobre a minha barriga. Ela estava com uma laranja nas

mãos, jogando-a para cima e pegando-a de volta. Falávamos sobre o futuro:

— Acha que algum dia meu pai vai voltar? — ela perguntou.

Eu odiava magoá-la, mas encarei-a com sinceridade nos olhos.

— Não.

Aliena respirou fundo, depois mirou as folhas acima de nós com tristeza. É impressionante como a gente não consegue magoar aqueles que amamos sem sentir uma dor cinco vezes maior.

— Por que os homens vão embora? — ela me indagou.

Fiz um gesto de sem saber com os ombros. Realmente, aquilo era muito comum em nossa cidade.

— Não sei. Meu pai também foi embora sem

dar explicação. E, em breve, sei que meu irmão mais velho irá embora também. Acho que é uma coisa que os homens fazem, em algum momento da vida.

Ao ouvir isso, Aliena olhou bem para mim.

— Me avise antes quando você for partir.

Passei a mão na cabeça dela, com um sorriso torto.

— Eu nunca irei para longe de você.

— E se *eu* for embora... — questionou pensativa, mirando a laranja nas mãos. — Você virá atrás de mim?

— Por que você iria embora? — respondi, sem querer pensar naquela opção.

— Não sei. Posso ir fazer faculdade em outro lugar.

Eu ri.

— Desde quando você quer fazer faculdade?

Aliena se sentou, subitamente irritada.

— Não sei. Desde sempre, eu acho. Será possível que você não pode simplesmente responder a maldita pergunta?

— Mas eu...

— Ah, cala a boca, Beto. — E se virou para a frente.

Também me sentei, ainda rindo.

— Você é maluca, sabia?

— Deve ser por isso que ando com você — rebateu ela, mas senti o tom de divertimento em sua voz.

Suspirando, puxei-a para que descansasse as costas em meu peito, depois sussurrei em seu ouvido:

— Eu iria atrás de você até no fim do mundo, se fosse preciso.

Ao ouvir isso, Aliena fechou os olhos.

Congelei ao me lembrar daquela promessa. Era uma das minhas lembranças mais queridas, mas ali, no casamento, senti que tinha sido apunhalado por ela. A verdade é que eu nunca havia procurado Aliena, sempre esperei que *ela* me procurasse. Naquele momento, fiquei mirando-a repetir os votos, meditando no que teria acontecido se eu tivesse realmente feito isso. Senti uma tristeza profunda no peito. Alguns minutos depois, minha melhor amiga partiu meu coração quando disse "sim".

Durante a festa, eu me sentia caminhando por entre restos de um evento cataclísmico. Meu mudo estava desmoronado e eu só queria sair dali. A alegria dos convidados me machucava, a música me irritava, minha gravata parecia me sufocar... Até que não pude mais suportar. Usurpei uma garrafa de

cachaça do bar e fui para o estacionamento. Antes de partir, dei um belo chute na lateral do carro no noivo. Nunca fui violento, mas não podia me conformar com a sorte daquele engomadinho. Em seguida, acendi um dos meus últimos cigarros e fui embora, de volta para a pousada.

Acordei na manhã seguinte com o barulho de alguém batendo na porta. Imaginei que fosse algum funcionário do alfaiate que viera buscar a roupa emprestada, a qual eu ainda vestia. Só havia retirado a gravata e os sapatos antes de tomar o porre que me fizera desmaiar na madrugada anterior. Apesar de estar vestido de terno, tanto este quando a camisa branca que eu usava por dentro dele, estavam desabotoados. Levantei cambaleante e fui até a porta para pedir à pessoa que esperasse eu me trocar, mas, quando a abri, dei de cara com Aliena.

Ela estava sozinha, usando um vestido de seda

verde-claro, que acabava nos joelhos. As alças finas deixavam seus ombros bronzeados à mostra. Segurava uma pequena bolsa nas mãos e me olhava com visível preocupação.

— O que foi que aconteceu com você? — perguntou sem preâmbulos. — Foi embora da festa sem sequer falar comigo.

— Você sentiu minha falta? — Afastei-me da porta, para que ela entrasse. — Pensei que só tinha olhos para o seu noivo.

Aliena entrou, bateu a porta e jogou sua bolsa de modo violento na cama.

— Não seja ridículo. É claro que senti sua falta. Não foi por isso que te trouxe de Vila Calçoene até aqui?

Irritado, coloquei as mãos na cintura.

— E por que me fez vir?

— Porque queria que fosse meu padrinho. — Ela forçou a voz, como se fosse óbvio.

— Não. Não foi só por isso. — Eu me aproximei. — Por que não me contou ao telefone que iria se casar?

Aliena recuou um passo, seu lábio estremeceu.

— Se eu tivesse contado, você teria vindo?

— Claro que não.

— E por que não? — ela me desafiou.

— Não vale mais a pena falar sobre isso agora. — Virei-me na direção do banheiro.

Chegando lá, joguei água no rosto. Não sei por que, mas minhas mãos tremiam. Aliena veio logo atrás de mim, os olhos tomados de fúria.

— Esse sempre foi o seu problema! — ela gritou.

Espantado, virei-me para encará-la.

— Do que está falando?

— Não interessa, eu vou embora. Pode voltar para a sua vida. — Foi na direção da cama pegar a bolsa.

— Aliena. — Eu a segui e segurei seu braço. Depois, coloquei a mão embaixo do seu queixo e o ergui para que ela olhasse para mim. Os olhos dela enterneceram. — Você ficou três anos sem me procurar. Por que só agora?

Tomando coragem, ela me olhou nos olhos e confessou:

— Porque eu tinha dúvidas.

Franzi a testa.

— Sobre o quê?

— Sobre quem eu amava realmente: uma pessoa de verdade ou uma ilusão do passado.

Ao ouvir aquilo, fiquei petrificado, tentando

estupidamente abafar o resquício de esperança que insistiu em assaltar meu coração.

— E a que conclusão chegou? — eu quis saber, meus batimentos cardíacos quase se tornando audíveis.

A voz dela saiu trêmula.

— Que diferença isso faz agora? Eu estou casada!

— Mas eu quero saber — insisti. — A que conclusão chegou?

Ela me encarou novamente.

— Que mereço ficar com alguém que sempre lutou por mim.

Dito isso, Aliena abriu a porta para sair e finalmente o vidro desembaçou: aquela garota também me amava. Havia me procurado para ver se, finalmente, eu teria coragem de me declarar e de

impedi-la de fazer o que ia fazer. Como eu tinha sido obtuso! Saí correndo atrás dela na escada, mesmo descalço, mas só a alcancei quando já estava na rua.

— Aliena!

— Me deixa em paz!

Consegui agarrar seu braço e a virei para mim.

— Por que nunca me contou?

— Eu não sabia como você se sentia. Tive medo.

Incrédulo, ergui o seu rosto.

— Eu também tive medo — confessei. — E sofri a cada minuto desde que você foi embora.

— Então, por que nunca me procurou?

— Eu não sabia onde você estava.

— Mas podia ter procurado! — ela gritou, extravasando de vez. — Podia ter contratado um

detetive, ou coisa do tipo... Não era para ser assim. — Aliena começou a chorar. Então, desesperado, puxei-a para perto de mim e a abracei, com lágrimas nos olhos. Nossos corpos se encaixaram de forma perfeita. Éramos tão aderentes... — Quando minha mãe morreu, fiquei torcendo para ficar com você — ela disse. — Fiquei esperando que você pedisse para fugirmos juntos, para eu morar com vocês, que pedisse isso para a sua mãe, mas você não fez nada! — Fechei os olhos, absorvendo aquela verdade. — Eu estava com tanto medo, me sentindo tão sozinha... Quando estávamos nos despedindo, pensei que você fosse fazer alguma coisa maluca, tipo sair correndo comigo, me dar um beijo, dizer que iria me buscar... Fiquei com muito ódio quando você não fez nada. E passei anos tentando odiar você por causa disso, tentando esquecê-lo, mas não consegui — Aliena se afastou para encarar o meu rosto. — Como eu poderia?

— Eu era só um menino — Enxuguei o rosto dela, enquanto ela fazia o mesmo comigo. — Eu estava apavorado, não sabia o que fazer.

— Eu sei. — Ela segurou o meu rosto, mostrando compreensão. — Hoje eu entendo isso. Mas naquela época, não. Por isso não te escrevi antes. Tentei continuar com a minha vida. E, então, conheci o Eduardo. Ele sempre me tratou muito bem, ele é um bom homem.

Deixei a dor que senti ao ouvir aquilo assentar em meu peito.

— Você o ama? — perguntei.

Aliena hesitou por um instante, depois respondeu sinceramente:

— Sim.

Aquilo doeu mais. Então, segurei-a pelos ombros, para afastá-la de mim.

— Mas eu também amo você. — Ela me segurou pelos braços.

— Você não pode ter os dois.

— Mas... Não posso perder você novamente — disse, desesperada.

— E eu não posso ser mais *só* seu amigo — eu disse com calma.

O rosto dela se contorceu ainda mais.

— Beto, por favor, não faz isso comigo.

— Se eu tivesse te pedido para não se casar com ele, o que você teria feito?

Aliena ficou me encarando, perdida por um momento.

— Eu não sei.

Aquilo era tudo que eu *não* queria ouvir, mas tudo que eu precisava. Limpei os olhos com uma mão e dei um passo para trás.

— Está na hora de eu voltar para casa. Minha mãe precisa de mim.

Ela se aproximou novamente, segurou minhas mãos.

— Beto... — Tocou minha face. — Eu... — Não sabia o que dizer. — Desculpe ter tomado tanto tempo da sua vida.

Lágrimas encheram meus olhos quando toquei sua mão e minha voz saiu baixinho:

— *Você* era a minha vida — expliquei.

Emocionada, Aliena me abraçou apertado e disse:

— E você era um pedaço de mim.

— Eu sei. — Passei os braços em volta dela e beijei a sua cabeça. — Mas agora precisamos pegar os nossos pedaços de volta.

***

Da primeira vez em que nos separamos, éramos muito jovens e foi contra a nossa vontade. No entanto, naquele dia, foi uma escolha. Durante a maior parte da nossa vida, eu e Aliena havíamos preenchido muitas lacunas um do outro, mas agora havia chegado o momento de sermos inteiros. Separados. Esse desligamento foi necessário para que pudéssemos dar o melhor de nós para outras pessoas, e para nós mesmos.

Assim que minha mãe faleceu, fui embora de Vila Calçoene. Com a ajuda de meus irmãos, trabalhei em vários estados diferentes, conheci pessoas, fiz novos amigos e até cursei a Faculdade de Veterinária. E foi lá que conheci minha linda esposa, Ludmila. Namoramos durante um ano e logo depois nos casamos. Fiz as pazes com Deus no dia em que ela deu à luz nosso primeiro filho.

Passei anos sem notícias de Aliena. Porém, ao

me lembrar do modo como Eduardo olhara para ela durante a cerimônia de casamento, eu sabia que minha amiga estava bem. Aliás, as lembranças dela nunca me abandonaram totalmente, sempre vinham enquanto eu olhava as estrelas, memórias agridoces. Às vezes, eu sentia um formigamento estranho na coluna e pensava se algo estava acontecendo com ela. Nesses momentos, rezava em silêncio. Muita coisa em minha vida havia mudado para melhor, somente uma coisa permaneceu: Aliena seria sempre a minha melhor amiga, a irmã que nunca tive, e o meu primeiro amor...

2013

Infelizmente, minha esposa faleceu de câncer em abril de 2012. Eu e meus dois filhos — já adultos — ficamos completamente arrasados. Foi tudo muito rápido, porém, Ludmila havia me ensinado ao longo dos anos a valorizar cada

momento vivido. Por isso, decidi pensar nela sempre com alegria. Ainda sentia sua falta, mas um ano depois já havia aprendido a conviver com a dor. Além do que, eu precisava seguir em frente, especialmente pelos nossos filhos e netos. Mas, no fundo, me sentia sozinho. Foi então que a vida me surpreendeu novamente.

Eram altas horas da madrugada e eu estava sentado na frente do computador, tomando uma surra do Facebook enquanto tentava criar uma página para a loja de pet que estava abrindo — um velho sonho meu e de minha falecida mulher. De repente, recebi uma inesperada solicitação de amizade. Cliquei para ver:

Aliena deseja ser sua amiga.

Meu coração disparou. Incrédulo, cliquei na foto de perfil e mal pude acreditar no que vi. Era ela mesma. Estava mais velha, com cabelos curtos e

algumas rugas na face, mas seus olhos eram os mesmos. Segurava um cachorrinho da raça Yorkshire e tinha um cachecol verde em torno do pescoço. Parecia feliz. Só depois reparei que ela havia colocado seu status do Facebook como *solteira*. O meu estava como *viúvo*. O que teria acontecido com Eduardo? Agitado, aceitei sua solicitação no mesmo momento e decidi enviar uma mensagem:

É você mesma?

A resposta veio segundos depois:

Sim. Pelo jeito, sou sempre eu quem irá atrás de você.

Eu ri. Não estava acreditando naquilo, depois de 30 anos sem notícias...

Fico feliz que você seja persistente, digitei.

Antigamente, você me chamava de teimosa.

Isso já faz muito tempo, precisamos evoluir.

Demorou alguns segundos até que ela escrevesse de novo.

Olhe pela janela, já viu como as estrelas estão lindas hoje?

Meus olhos se encheram de lágrimas.

Devem estar lindas. Que tal nos falarmos pelo Skype?

Dois segundos depois, ela digitou:

Acho perfeito. Já estou te esperando no telhado.

***

Table of Contents

Inteiros
Lycia Barros
Conheça os outros livros da autora
1976
1979
1980
1983
2013